

RAJA GABAGLIA

Filho do professor EUGÊNIO DE BARROS RAJA GABAGLIA, que várias gerações de alunos da Escola Politécnica, da Escola Naval e de estabelecimentos de ensino secundário admiraram, proclamando-lhe o saber e bondade natural, FERNANDO ANTÔNIO continuar-lhe-ia a tradição educativa.

Carioca, nascido a 16 de março de 1895, o ambiente de estudo em que se criou estimular-lhe-ia, sem dúvida, a vocação para imitar o exemplo paterno.

Preparou-se rapidamente para as funções que o atraíam.

Ultimados os estudos secundários, que lhe revelaram a agudeza da inteligência, a Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais acolheu-o entre os mais ávidos de apreender os ensinamentos de mestres insígnis.

Ao diplomá-lo, quando não alcançara ainda a maioridade civil, apontou-o, não somente por ser o bacharel mais moço da turma de 1914, indicio de ter madrugado nos estudos, como, por igual, o mais distinto, mercê das notas alcançadas, que lhe evidenciavam a inteligência peregrina, a que não faltou a devida aplicação.

E o êxito, que lhe realçava as aptidões intelectuais, não exigia retraimento no proceder, nem renúncia à alegria da mocidade. Ao revés, a afabilidade com que se aproximava dos colegas, a sedução pessoal, com que lhe conquistava a amizade, a espontaneidade da sua palestra, intercalada de pilhérias a propósito, a bonhomia despreocupada, tudo concorria para lhe aumentar o prestígio entre os contemporâneos.

Em vez de se utilizar do diploma, para encetar atividades forenses, para as quais se achava devidamente habilitado, além da presença bem apessoada e viva eloquência, preferiu seguir as pegadas paternas, em disciplina aparentemente estranha aos domínios do curso jurídico.

E como a Escola Normal do Distrito Federal abrisse concurso para o provimento da cadeira de Geografia Geral e do Brasil, apressou-se na inscrição, que lhe ensejou ocasião de evidenciar conhecimentos justificativos da classificação em primeiro lugar.

Nomeado, em 1916, não mais deixaria o magistério, que lhe permitiu renovar a metodologia no ensino da disciplina escolhida. E quando, no biênio seguinte, o Colégio de D. Pedro II também convocou candidatos para lecionar Geografia Geral, Geografia do Brasil e elementos de Cosmografia, apresentou a tese "Fronteiras do Brasil", que se tornou de consulta indispensável a quem verse o assunto.

Pela segunda vez, triunfou na competição cultural, semelhante ao que sucederia nas ulteriores, de que participasse.

Catedrático de Geografia, nos dois mais prestigiosos estabelecimentos de sua terra natal, um dos quais, o federal, já ultrapassara três quartéis de século de atuação pedagógica, era-lhe propícia a ocasião para imprimir ao ensino respectivo, diretrizes acordes com os seus anseios de reforma.

Encontrara-o ainda sujeito à enumeração de acidentes geográficos, em listas sem fim, que exigia dos alunos exercício exaustivo de memória, sem maior significação.

A metodologia que as substituiu pela análise dos fatos, a localização e interpretação, ainda aguardava os seus paladinos, entre os quais se distinguiu, como vanguardeiro, o professor DELGADO DE CARVALHO.

FERNANDO ANTÔNIO RAJA GABAGLIA trouxe à campanha renovadora o seu entusiasmo de moço idealista, o seu ímpeto de propagandista, a decisão de estadear a sua personalidade.

As aulas que ministrava a discípulos atentos, por uma hora contidos em sua inquietação pela palavra do professor, completavam-se com o laboratório experimental, organizado por sua iniciativa.

Para lhes facilitar o estudo, elaborou obras, que não somente comprovam a clareza do seu método de ensino, como a segurança dos conhecimentos geográficos.

Com tais propósitos, publicou: "Litoral do Brasil — Sistema geográficos — Da estrutura da Sul-América — Leituras Geográficas — Das linhas de penetração da civilização brasileira", além de contribuições avulsas de que é exemplo o "Parecer sobre a grafia dos nomes geográficos estrangeiros", apresentado, em maio de 1940, ao Conselho Nacional de Geografia, a quem o diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos consultara acerca das dúvidas existentes.

Reconheceu, de início, que a "transcrição de nomes geográficos é matéria de alta relevância, já pelos inúmeros problemas que suscita, já pela dificuldade de uma solução prática, o que constitui, entretanto, uma viva necessidade".

"Na realidade, a transcrição dos nomes geográficos é uma questão das mais delicadas da ciência e sua resolução de maneira homogênea não foi conseguida até hoje".

Assim, o método proposto por LEPSIUS, em 1852, "caiu em desuso por incompleto e complicado", como também o de CRISTIANO GARNIER, de 1898.

Em português, o trabalho de GONÇALVES VIANA, bem como o de CÂNDIDO FIGUEIREDO, o respeitado filólogo lusitano, são obras dignas de toda a atenção, mas são antes obras de filólogos que de geógrafos, pois não é possível concordar com a grande cópia de restaurações, propostas por esses vernaculistas que vão buscar as grafias nos clássicos da língua.

No Brasil, afligiu-se-lhe aconselhável a aplicação das normas preceituadas pela Conferência de Geografia, promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de 10 de julho a 26 de setembro de 1926.

Em conclusão aos argumentos expostos, opinou que "o Conselho Nacional de Geografia responde à consulta do senhor diretor do Instituto de Estudos Pedagógicos que os nomes geográficos estrangeiros devem ser transcritos para as formas portuguesas vernáculas, que forem de uso e, quando não for o caso, deverão ser respeitadas as normas aprovadas pela Conferência de Geografia, em 1926".

De outra feita, a reedição da "Corografia Brasília", de AIRES DO CASAL, propiciou-lhe oportunidade de realçar a contribuição pioneira, cujos capítulos referentes ao Pará, Solimões e Mato Grosso mereceram ser acolhidos por ERYÉS e MALTE BRUN, em "Annales de Voyages".

"A originalidade de CASAL não pode ser posta em dúvida e longe de haver sido um compilador, foi ele a fonte da maioria das obras que, depois, se publicaram".

"Já em 1821 o inglês JAMES HENDERSON, que residiu no Rio, de 1819 a 1821, publicou um livro "A History of Brazil", que é nada mais, nada menos que um plágio feito a CASAL", que o "conhecido pedagogo e geógrafo prussiano GUTS MUTHS" denunciou.

Depois de lhe analisar as incorreções e acertos, concluiu: "o trabalho do padre MANUEL AIRES DO CASAL marca uma época e, embora envelhecido, é o marco limiar da nossa literatura geográfica".

No número 10 do "Boletim Geográfico", o assunto que lhe desperta a atenção é a "Geografia Urbana", versada a preceito.

"A cidade é um desenvolvimento, um grau de evolução social e exprime um estágio superior da civilização, da qual é elemento fundamental. É uma forma de ato de posse do solo por um grupo humano, pois como escreve um especialista, PIERRE LAVEDAN, "o homem escolhe e depois utiliza o local, preparado pela natureza".

Por isso a "formação das cidades, ou seja o problema da instalação do núcleo urbano, é assunto de palpante interesse, pois explica, no nosso país, toda a estrutura da vida nacional, uma vez que se processou geralmente uma seriação, um desenvolvimento dos nossos centros urbanos: sítios, povoados, arraiais, vilas".

A propósito da criação de territórios nacionais, que lhe mereceu cabal apoio, acentuou: "A Federação, que tantas críticas tem levantado e que oferece com o surto do espírito de localismo uma ameaça aos propósitos que devem assegurar a indestrutível unidade do país, é um imperativo geográfico.

Mas a "nossa vastidão territorial, pois somos um país-continente é tal que seria difícil a regressão a regime unitário, porém, como ensina a "Geografia Política" (de RATZEL aos geógrafos estadunidenses), o Estado, grande que seja, só vive, tal qual o organismo, quando se dá o perfeito equilíbrio entre a circulação central e a periférica:

Em outras palavras: o centro, a capital, a União, têm de estar em perfeito entendimento com a fronteira, a zona ou a linha geodésica, até onde, feneendo a ação do governo, impõe-se que este seja lá, mais que alhures, forte e, portanto, eminentemente nacional".

Em termos claros, a sua aula, resumida no "Boletim Geográfico", n.º 26, define as concepções de SUESS e de WEGENER acerca do relevo terrestre.

Baseada a primeira na existência do núcleo nife (ferro-niquelífero), capeada pelo sima (silicatos magnesianos) de densidade menor, em estado líquido, a contração gradual da crosta terrestre, à medida que se resfriava o globo, seria causa do relevo.

Pela segunda, houve translação continental, em virtude do princípio da isostasia.

O bloco de sial, isto é, terra firme ou continente, pode deslocar-se verticalmente na massa do sima, para manter o equilíbrio hidrostático.

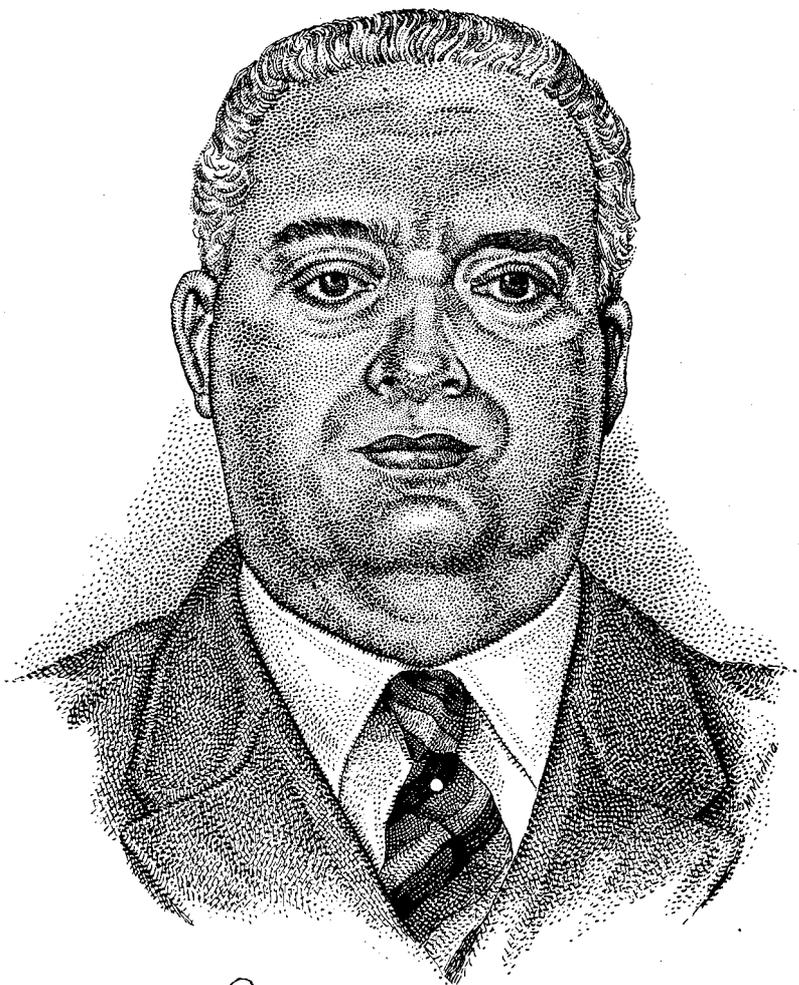
Além dos movimentos verticais, WEGENER admitiu os horizontais, causados pela força centrífuga, proveniente da diferença de altura dos centros de gravidade do sial do sima, e pela precessão do eixo de rotação das massas continentadas sobre o eixo de rotação da Terra.

Por semelhante hipótese, as massas continentais, reunidas na pangaea, flutuava num oceano único, o Pacífico. A partir do período cretáceo, "a América do Sul ter-se-á deslocado da atual costa africana, em virtude de uma fratura de litoclase.

Com o alargamento dessa fratura, em consequência do deslize da América do Sul para oeste formou-se o Oceano Atlântico".

"Da divisão e dos deslizes das partes do primitivamente único continente e dos fenômenos de isostasia combinados com as resistências passivas da litosfera, surgiram entretalhões, esbarros ou abalcamentos, que geraram, segundo WEGENER, as grandes dobras, que deram origem às principais linhas do relevo terrestre.

A concepção de SUESS, conclui, é sedutora pela sua singeleza, mas não é isenta de forte crítica".



Raj Gaby 7

Por outro lado, "as idéias de WEGENER, embora baseando-se num conjunto de fatos, geofísicos, geológicos, geodésicos, biológicos e climatológicos, não são, todavia, indenes de mercedias restrições e dúvidas".

Afirmação de quanto conhecia e prestava os mestres alemães, encontra-se em "Ratzel e a Geografia Moderna".

Insatisfeito com o diploma de farmacêutico, o estudioso de ciências naturais, nascido em Karlsruhe, aos 30 de agosto de 1844, frequentou as universidades de Heidelberg, Yena e Berlim, antes de viajar pela Europa, Estados Unidos, Cuba e México.

Depois da guerra de 1870, em que foi ferido, tornou-se professor e escreveu a "Antropogeografia", nome que sugeriu, aplaudido pelos sabedores, e foi endossado.

"São interessantíssimos os aspectos do seu grande volume que tem o subtítulo de "Aplicação da Geografia à História", e é uma visão dinâmica da distribuição do homem e da sua obra na Terra".

"O estudo do papel dos oceanos é dos mais sugestivos: a história universal é função dos oceanos que se abrem à navegação do homem".

"Um dos capítulos mais fecundos, pelos estudos posteriores que dêle promanaram, é aquêles em que analisa exaustivamente as habitações humanas".

"Já o disseram: HUMBOLDT imaginou fotografar a Terra pela vegetação, RATZEL pela antropogeografia".

De mais a mais, "trouxe à etnografia e à geografia humana a contribuição constante da cartografia", que se tornou, daí por diante, "inseparável a qualquer daquelas matérias".

Por isso, atribuiu-se a RATZEL o princípio da geografia científica, ou da extensão, que assim se define: "o método geográfico consiste em determinar a extensão dos fenômenos sobre a superfície da Terra".

Decorridos nove anos, depois da publicação do primeiro volume, surgiu o segundo, de que se deduz a idéia fundamental da expansão territorial, isto é, a sede do espaço, como sendo a mola por excelência de toda a atividade política".

Ainda escreveu "As Raças Humanas", a "Geografia Política", entre os seus 24 volumes, além de uma centena de memórias e contribuições avulsas. A admiração espelha-se-lhe no artigo, cujo último período resume conceitos expressivos.

"Sem embargo dos aspectos diversos, metodológicos e finalístico, que caracterizam todos os grandes geógrafos contemporâneos e por vêzes o separam de RATZEL, o fato é que todos se vão encontrar nos princípios capitais da imortal construção do pensador germânico, tal como num estuário imenso afluem as águas vivas das vertentes".

Também exaltou, em outras ocasiões, a contribuição de RITTER, de ALBRECHT PENCK, "quicá o príncipe dos geógrafos da Alemanha de hoje", como declarou em conferência pronunciada em 1930, e de outros sabedores, cujos ensinamentos soube assimilar e transmitir aos seus ouvintes, fôssem ou não alunos ginásianos.

Assim, ao tratar de "Aspectos Gerais da Fisiografia das Regiões Fronteiriças", a começar das Guianas, não se cingiu a analisar-lhes a geomorfologia, apoiado nas explorações de HAMILTON RICE.

Constituem exceção no continente, cuja origem explicou, baseado em fatores geográficos.

"As Guianas Europeias são, destarte, a única parte da América do Sul que escapou à ocupação portuguesa ou espanhola. As correntes e o regime dos ventos alísios do Nordeste, fazendo as comunicações a vela difíceis e precárias, contribuiriam para, nos tempos coloniais, defender os estabelecimentos da costa guianense das incursões espanholas, partidas das Antilhas".

"De outro lado, a predominância das culturas tropicais e a falta de campos propícios à criação, adjacentes à costa agrícola, restringiram a expansão do branco e fomentaram o tráfico, de forma que os holandeses tinham, no Suriname, em fins do século XVIII, 60 000 escravos e os ingleses computavam, em 1817, em 100 000 o número de africanos em sua Guiana".

Não obstante desviado GABAGLIA da profissão inicial para o ensino da Geografia, quis provar que poderia ainda enaltecê-la e por isso compareceu à Faculdade Nacional de Direito, onde vagara a cátedra de Direito Internacional Privado, que se achava em concurso. Com a tese referente a "Os Mandatos Internacionais", obteve a nomeação de que lhe resultou convite do governo da Holanda, em 1952, para explicar matéria jurídica em Haia.

Ao expô-la, revelava os requisitos mais apreciados de que lhe proveio a fama de conferencista admirável. Conhecendo a preceito os assuntos de que tratasse, a sua presença acolhedora inspirava confiança.

A linguagem colorida e convincente espelhava-lhe o entusiasmo de professor, que sem tardança captava a simpatia dos alunos, como guia seguro e amigo de quem se aproximavam confiantes.

O seu prestígio entre os estudantes sobremaneira cresceu, quando lhe coube a direção do Externato de D. Pedro II.

Ainda relacionado com o ensino, assumiu o cargo de secretário geral da Educação no Distrito Federal, em efêmero governo de transição.

Antes que lhe sobreviesse o declínio, baqueou inesperadamente a 18 de maio de 1954, privando a Geografia de um dos seus mais sagazes cultores no Brasil.

VIRGÍLIO CORRÊA FILHO